

**CICLO INTEGRADO DE CINEMA, DEBATES E COLÓQUIOS NA FEUC
2010-2011**

**REFLEXÕES SOBRE A ECONOMIA GLOBAL EM CRISE: MIGRANTES,
CIDADES, MERCADOS, GOVERNAÇÃO**

http://www4.fe.uc.pt/ciclo_int/2010_2011.htm

SESSÃO 5

**ECONOMIA GLOBAL, AS VELHAS CIDADES INDUSTRIAIS E AS
DESLOCALIZAÇÕES**

26 DE ABRIL, 2011

Filme/Documentário: *California Company Town*

de Anne-Lee Schmitt

Estados Unidos da América, 2009

DEBATE COM

JORGE BATEIRA

(Doutorado em Economia, Assessor do Eurodeputado Miguel Portas)

JOSÉ ANTÓNIO BANDEIRINHA

Antigo Ministro das Finanças e ex-Governador do Banco de Portugal

LUÍS PERES LOPES

(GEMF/FEUC)

CICLO INTEGRADO DE CINEMA, DEBATES E COLÓQUIOS NA FEUC

Notas para uma conversa sobre

CALIFORNIA COMPANY TOWN, Lee Anne Schmitt

Com um ritmo que nos deixa tempo para pensar, este documentário dá-nos a conhecer algo da dinâmica dos mercados numa economia capitalista, uma dinâmica que o economista Joseph Schumpeter designou por «destruição criadora».

Podemos ver a natureza tratada como objecto descartável: florestas submetidas aos ritmos da indústria, subsolo explorado até à exaustão, solos agrícolas sujeitos à tecnologia industrial. Ao mesmo tempo, confronta-nos com os espaços que foram habitat humano (custa-me chamar-lhes «cidades») e entretanto se desvaneceram quando a exploração da natureza deixou de dar lucro. Pouco ou nada sabemos sobre as causas do encerramento destas empresas. Nalguns casos, a globalização pode ter sido a principal causa. Somos confrontados com territórios desactivados, com a dimensão *destrutiva* do funcionamento dos mercados no moderno capitalismo.

O documentário deixa à nossa imaginação a dimensão *criadora*. O espectador não faz ideia do destino dos que ali viveram, sonharam, trabalharam. Não sabemos que novos empregos acolheram os migrantes (embora não seja difícil imaginar que a larga maioria terá passado a trabalhar em serviços mal remunerados). Cabe aqui lembrar que a ‘destruição’ e a ‘criação’ de empregos geradas pela dinâmica dos mercados não coincidem, nem no espaço geográfico nem nos grupos sociais envolvidos. Há sempre uns tantos que são descartados e atirados para as margens da sociedade ainda que, globalmente, a sociedade seja cada vez mais rica em bens e serviços.

Embora esta dicotomia tenha algum interesse, não penso que o pensamento de Schumpeter seja a melhor referência para interpretar este documentário. O que mais me toca nesta obra de Lee Anne Schmitt (LAS) é a violência com que, sob o comando do lucro, o *sistema de mercados faz e desfaz a integração do habitat humano na biosfera*.

Recordo que a partir da segunda metade do século 18, primeiro na Inglaterra, depois no Continente europeu, o trabalho humano e a natureza passaram a ser tratados como mercadorias. Enquanto tal, ficaram sujeitos às normas que institucionalizaram os processos de transformação, distribuição, apropriação e consumo que, tendo adquirido uma natureza sistémica, consolidaram no século 19 o capitalismo industrial. Do meu ponto de vista, quem melhor percebeu esta dinâmica foi Karl Polanyi na sua obra maior intitulada «*A Grande Transformação – As origens políticas e económicas do nosso tempo*». O capítulo 15 desenvolve a questão em diferentes planos. Tem por título «Mercado e Natureza» e começa da seguinte forma:

«Aquilo a que chamamos terra é um elemento da natureza indissociavelmente entrelaçado com as instituições humanas. Isolá-la e criar-lhe um mercado foi talvez o mais estranho dos empreendimentos dos nossos antepassados.»

Logo de seguida, Karl Polanyi explica como a interdependência entre a natureza e o trabalho humano foi tomando diferentes formas ao longo da história, como elementos de um processo evolutivo complexo a que chama a «vida».

Para conseguir integrar o trabalho humano e os sistemas biofísicos num conjunto articulado de mercados, o capitalismo industrial teve de transformar as normas sociais e, nesse processo, submeteu a sociedade às exigências do seu funcionamento. Esta transformação do trabalho humano e da natureza em mercadorias (a par de uma outra, a da transformação do *dinheiro* em mercadoria) – *a grande utopia do liberalismo económico* - só podia trazer graves tensões.

Na transição que estamos a viver (aquilo a que toda a gente chama 'crise') é importante que tomemos consciência de que os desequilíbrios ecológicos que ameaçam a vida na Terra estão entrelaçados nos gravíssimos desequilíbrios sociais que ameaçam as nossas sociedades. No final da 2ª Grande Guerra, Karl Polanyi já tinha percebido que tratar o trabalho humano e a natureza como mercadorias independentes e descartáveis levar-nos-ia ao desastre.

Dizia ele:

«separar a terra do homem e organizar a sociedade de forma a satisfazer as exigências de um mercado fundiário era uma parte essencial do conceito utópico de economia de mercado.»

Esta simples frase evoca a bolha do imobiliário que explodiu nos EUA e em alguns países europeus em 2007-2008. E confronta-nos com as devastadoras consequências que essa loucura especulativa teve *para* milhares de famílias obrigadas a entregar as suas casas aos bancos, e *para* os milhões de desempregados que a Grande Recessão produziu de seguida.

Se olharmos para o documentário de LAS com este quadro conceptual, talvez seja mais fácil perceber que a desolação das casas abandonadas, os terrenos com vestígios da povoação desaparecida, o pouco que resta da anterior actividade produtiva, e mesmo a triste conversão de pessoas em museu vivo, *são o resultado do normal funcionamento* de um sistema de mercados que separou, e converteu em mercadorias, o trabalho humano e a natureza.

O desastre social e ecológico que atingiu a Inglaterra na primeira metade do século 19 deu origem a uma forte reacção social visando eliminar, ou pelo menos conter dentro de limites aceitáveis, as mais nefastas consequências do capitalismo industrial em ascensão. Karl Polanyi chamou a esta dinâmica «duplo movimento», uma dinâmica em que os promotores do capitalismo procuram subordinar a sociedade às exigências do funcionamento dos mercados, enquanto os grupos sociais mais sensíveis aos danos produzidos (não necessariamente os mais atingidos) reagem, exigindo e impondo legislação protectora. Em resultado do contra-movimento proteccionista surgiram novas leis, tais como o código das relações de trabalho, legislação sobre higiene e segurança no trabalho, legislação para protecção do ambiente, legislação sobre salubridade das habitações e espaço público, etc.

Notem, o documentário seria bem diferente se tentasse abordar algo de semelhante em França ou na Alemanha. É que o capitalismo é um processo histórico que foi assumindo diferentes configurações institucionais nos vários continentes, e mesmo no interior da Europa. O

capitalismo nórdico, ou da Europa central, é diferente do capitalismo Ibérico.

Um pequeno parêntesis para fazer a ponte com a nossa realidade, com o aqui e agora. Tendo em conta o que já disse, se pensarmos nas políticas ditas de «reajustamento estrutural» que nas próximas semanas terão um novo impulso, percebe-se bem que a reforma do mercado do trabalho que nos será exigida visa simplesmente *libertar o trabalho* (o «factor trabalho», na linguagem da ortodoxia neoclássica) das normas sociais que, ao longo de muitas décadas, foram sendo instituídas para o proteger, ou seja, para o tornar menos mercadoria.

Seremos em breve testemunhas (e por que não actores?) de um importante processo histórico que, a confirmar-se a análise de Karl Polanyi, acabará por produzir um efeito de ricochete em que vários grupos sociais se mobilizarão para reclamar a protecção perdida. Quanto tempo será preciso, quanta desagregação social terá de ocorrer até que essa reacção produza resultados satisfatórios, só o saberemos *à posteriori*. Um economista que se assume como cientista social sabe, ao contrário da ortodoxia, que a História não se prevê. E tem consciência de que vivemos um tempo em que prevalece a incerteza radical. Um tempo em que, para o bem ou para o mal, a novidade irrompe na História dos homens.

Voltando ao documentário, recordo que há sinais sonoros que nos alertam para um facto importante: movimento e contra-movimento produzem-se num dado contexto cultural. Particularmente nos EUA, há poderosas forças que canalizam, ou mesmo neutralizam, o contra-movimento. Como nos mostra o filme, o sindicalismo também foi contido, ou mesmo eliminado, pela força das armas. Mas há outras armas bem mais eficazes.

A retórica dos evangelistas na rádio ou na televisão, a força da publicidade na voz de Ronald Reagan, o discurso de George W. Bush sobre a liberdade, são outras tantas ilustrações do enorme poder da cultura (ideias, modelos, ideologias, mitos) como instrumento amortecedor ou dissuasor de conflitos sociais, como força produtora de conformismo que torna aceitáveis aos olhos de milhões de cidadãos dos EUA a predação da natureza e uma relação leve com o território.

Haverá algumnexo entre esta relação leve com o território e o mal-estar social que indiciam alguns episódios de violência absurda nos EUA? É que, se um ser humano se constitui como pessoa apenas através da construção de uma rede de relações em comunidade, e se a continuidade destas relações é frequentemente quebrada por migrações induzidas pelo funcionamento do mercado de trabalho, então talvez seja lícito admitir que uma parte importante da população dos EUA não terá crescido de forma saudável.

Esta questão remete-nos para outra ideia central no pensamento de Polanyi. A «economia», *entendida como a instituição que trata da provisão da sociedade em bens e serviços*, deve subordinar os seus objectivos e funcionamento aos interesses da sociedade em que está integrada, de que é aliás um subsistema (“embedded”). Polanyi recorreu à evidência histórica e antropológica do seu tempo para mostrar que a subordinação da actividade económica ao interesse mais geral da sociedade *era a norma* antes do capitalismo industrial se impor a partir do séc. 19.

As tensões que se desenvolvem nas sociedades capitalistas decorrem precisamente do facto de, *ao ter transformado o trabalho humano, a natureza e o dinheiro em mercadorias*, a sociedade se encontrar de alguma forma submetida ao sistema de mercados. Não é por acaso que muitos hoje se perguntam sobre a qualidade da nossa democracia: é verdade que os cidadãos elegem os seus deputados e governos mas quem diz à sociedade quais devem ser as suas prioridades, ou as normas da sua organização, é o sistema económico e financeiro. É este que hoje exige «reformas estruturais» no mercado de trabalho, ou na justiça. E em larga medida tem vindo a impor o que pretende.

Há um livro pouco conhecido entre nós mas que marcou muito a minha evolução intelectual, *L'économique et le vivant* (1979) do grande académico francês René Passet. O autor aprofunda este ponto de vista de Polanyi e mostra, com recurso ao conhecimento científico de diferentes disciplinas, que o desenvolvimento das nossas sociedades exige uma relação de encaixe em vários níveis. Uma relação em que o sistema económico esteja subordinado ao sistema mais amplo que é a

sociedade, e que ambos respeitem as leis da biosfera. Mas não me vou repetir sobre este ponto.

Termino com uma ideia que gostaria que retivessem:

uma ciência económica que isola o comportamento económico relativamente às outras dimensões da pessoa,

que constrói modelos em que o trabalho humano e a natureza são mercadorias,

que ignora a dimensão sistémica da economia tratando o todo como a soma das decisões de indivíduos isolados,

que ainda por cima apresenta esses modelos como úteis instrumentos de análise para realidades tão diversas como a empresa, o crime, a família ou a poluição,

deveria suscitar sérias dúvidas quanto ao seu estatuto de ciência. E, no entanto, a maioria dos economistas que aparece no espaço público apenas aparenta ter certezas.

Esta ciência económica, hoje quase convertida em matemática aplicada, exerce uma hegemonia asfixiante nas nossas universidades. Contudo, as transformações sociais que estão para vir acabarão por abalar o actual estado de coisas. A mobilização para a exigência de pluralismo no ensino da economia já está aí, mesmo em Portugal.

Um dia virá em que este documentário será usado na licenciatura em economia, por exemplo na primeira aula da disciplina «Economia e Natureza» (não confundir com «Economia da Natureza»). Quem sabe? Talvez na Universidade de Coimbra.

Coimbra, 26 Abril 2011

Jorge Bateira